

De olho no consumidor, agropecuária mira ESG e investe em rastreabilidade

Carlos Raíces

Para o Valor, de São Paulo

O cenário mundial é bastante favorável para o Brasil ampliar seu espaço no comércio de alimentos. Novos hábitos de consumo pós-pandemia, guerra na Ucrânia, mudanças ambientais e fim dos estoques de passagem de alimentos nos principais países estão na raiz de uma nova configuração que abre oportunidades e mercados. Sairá na frente quem estiver melhor preparado, apontam os especialistas. Do plantio às práticas ESG (sigla em inglês para práticas ambientais, sociais e de governança) nas cadeias, passando pela logística, todos os detalhes contam para conquistar mercados.

Os resultados da balança comercial mostram que o país soube aproveitar as oportunidades até aqui. Em agosto, o saldo fechou em US\$ 6,8 bilhões, alta de 38,4% em relação ao mesmo mês do ano passado. O primeiro semestre foi de recorde. O agronegócio respondeu por US\$ 79,3 bilhões em receita, ante US\$ 61,3 bilhões em igual período do ano passado, garantindo um saldo positivo de US\$ 62,6 bilhões na balança do setor.

Os destaques nas exportações foram o complexo soja, proteína animal e café, todos impulsionados pelo aumento da demanda por alimentos que se estende desde 2020 e por quebras de safra. Se os primeiros meses de pandemia fecharam os mercados e afetaram a balança, o quadro logo se reverteu e os importadores voltaram com força às compras, o que ainda se reflete nos preços de frete e na demanda por contêineres. “O mercado mundial tem crescido e a demanda seguirá firme no futuro”, diz a economista Sabrina Navarrete, professora da FIA Business School e pesquisadora do Pensa/USP.



Renata Nogueira, da Cargill: “Rastreabilidade é sinal de produto sustentável”

Poucos países têm grande produção e capacidade de exportação como o Brasil. No setor de proteína animal, exemplifica Navarrete, os Estados Unidos passaram a demandar mais produto brasileiro porque seu consumo cresceu. Eles agora se somam à Europa, que segue sendo um forte consumidor de carne premium. Mas é da Ásia que deve vir a maior demanda. Os chineses, que já foram exportadores, passaram a importadores de carne graças ao aumento do poder aquisitivo de sua população. São o principal mercado de carne bovina para o Brasil e habilitaram vários novos frigoríficos nacionais para exportação em 2021, clara indicação de que querem ampliar as compras, diz a economista.

Outro destaque na pauta de ex-

portação foi o complexo soja, no qual o país faturou US\$ 37,8 bilhões no primeiro semestre, um incremento de 30,1%, com destaques para o farelo (US\$ 5,24 bilhões) e o óleo (US\$ 2,05 bilhões), que cresceram 48,4% e 135,6% respectivamente por conta da demanda por ração no mundo e consumo humano. O abastecimento mundial será o principal fator para manter as exportações aquecidas, especialmente nesse período de quebra de safras ao redor do planeta.

Apesar da necessidade, contudo, a garantia da origem dos alimentos vai ganhar atenção com o aumento do poder de renda. A rastreabilidade dos alimentos, hoje um diferencial, deve se tornar “commodity”. “Rastreabilidade é um sinal de produto sustentável,

responsável”, diz Renata Nogueira, líder de sustentabilidade da Cargill, empresa que tem na soja, algodão e óleo de palma produtos embarcados a partir do Brasil.

A Cargill desenvolveu em parceria com o Instituto BioSistêmico (IBS) a certificação 3S, que garante a certificação da produção de soja. Criado em 2010, o programa já conta com 231 fazendas cadastradas. A empresa não abre os volumes negociados, mas diz já possuir 15 mil fornecedores e 96% de seus volumes exportados rastreados, a grande parte em soja e derivados.

Flavio Redi, CEO da Ecotrace, empresa especializada em rastreabilidade, levanta um ponto que é reforçado por outros entrevistados: o mercado não tem a prática de pagar prêmio pela rastreabilidade, o que tem afastado produtores desse mecanismo. Apesar disso, diz que está “vendo uma adequação das grandes corporações, incluindo o ESG como meta estratégica. Em um futuro próximo, empresas que não adotarem políticas internas para atender o padrão ESG com metas claras e auditáveis, terão grande dificuldade de venda das suas marcas no mercado”.

O setor de pecuária tem um gargalo que precisará enfrentar se não quiser ver dificultadas suas exportações: a certificação de criações de bezerras, etapa mais vulnerável de acompanhamento. Para isso, IoT e blockchain são dois instrumentos que têm ajudado nesse processo. A JBS, maior empresa do setor, apostou nessas ferramentas para rastrear seus fornecedores do criatório à engorda. Implantou a Plataforma Pecuária Transparente que tem como meta até 2025 integrar todos os fornecedores de carne, segundo a empresa.

Esse também é um caminho trilhado por produtores de café. Com alta de 55% no faturamento entre

O peso do agro PROF. CORDELLA

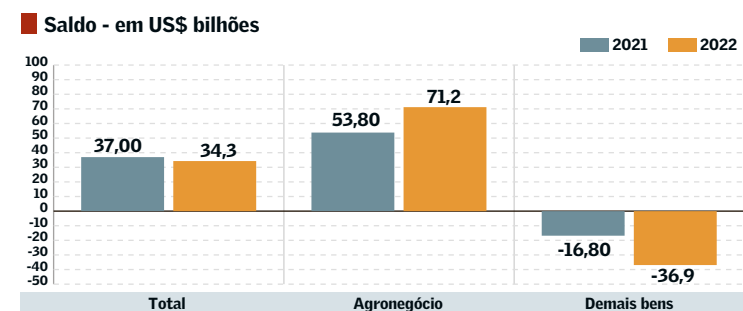
Exportações do agronegócio no primeiro semestre, em US\$ milhões

	2021	2022	Variacão%
Complexo Soja	29.063	37.803	30,1
Carnes	9.043	12.234	35,3
Produtos Florestais	6.403	8.266	29,1
Cereais, farinhas e preparações	1.231	3.084	150,5
Complexo Sucroalcooleiro	4.653	4.331	-6,9
Café	2.984	4.641	55,5
Fibras e produtos têxteis	2.054	1.993	-3,0
Fumo e seus produtos	717	994	38,5
Sucos	891	958	7,5
Couros e seus produtos	833	914	9,7
Frutas (inclui nozes e castanhas)	518	456	-11,9
Animais vivos	71	130	83,0
Cacau e seus produtos	169	178	5,5
Pescados	111	155	39,0
Lácteos	55	59	7,8
Demais Produtos	2.511	3.124	24,4
TOTAL	61.307	79.320	

Balança comercial no primeiro semestre, em US\$ bilhões

■ Exportação			
	2021	2022	Variacão (em%)
Total	136,20	164,10	20,5
Agronegócio	61,34	79,30	29,4
Demais bens	74,90	84,80	13,3
Agronegócio (participação, em %)	45	48,3	

■ Importação			
	2021	2022	Variacão (em%)
Total	99,20	129,80	30,9
Agronegócio	7,50	8,10	8,6
Demais bens	91,70	121,70	32,7
Agronegócio (participação, em %)	7,60	6,30	



Fonte: Secex

janeiro e junho deste ano em relação ao ano passado, as vendas externas trouxeram US\$ 4,64 bilhões em divisas para o país. A queda de 11% no volume embarcado, resultado da quebra da safra, puxou os preços do café e ajudou a receita.

Trabalhando em mercados mais exigentes como o japonês, produtores e cooperativas têm apostado na tecnologia blockchain para garantir a rastreabilidade, movimento que se soma às certificações especiais exigidas em alguns países.

“Essa é uma tecnologia que permite a veracidade das informações para toda a cadeia”, explica George Hirawa, diretor da Arabyka, startup de Londrina (PR). Ele lembra que se o mercado ainda não tem o hábito de pagar prêmios para esses produtos, o consumidor começa a exigir certificação, o que pode mudar esse quadro. “As empresas terão de estender o ESG para todas as cadeias. É um movimento que não tem volta”, completa Sabrina Navarrete, da FIA.